

Narrativas internacionais nas emissoras de TV públicas: O distante tornado próximo nos noticiários noturnos da TV Brasil e da RTP1¹

Iluska Maria da Silva Coutinho² e Allan de Gouvêa Pereira³
Universidade Federal de Juiz de Fora

Resumo: Nas emissoras de televisão de exploração não comercial, estatais ou públicas, o Jornalismo deve constituir-se essencialmente como espaço de referência na oferta de informação, comprometida com a autonomia do cidadão, por meio do conhecimento também sobre o mundo. A proposta do texto é compreender como esses princípios ganham materialidade audiovisual na cobertura internacional, tomando como recorte matérias sobre a reabertura dos bancos gregos veiculadas no Telejornal e no Repórter Brasil, noticiários noturnos da RTP1 e TV Brasil, respectivamente. Para analisar o telejornalismo nas emissoras de TV públicas de Portugal e Brasil, o trabalho recorre a eixos de avaliação desenvolvidos ao longo das pesquisas do Laboratório Jornalismo e Narrativas Audiovisuais, em diálogo com a dramaturgia do telejornalismo.

Palavras-chave

Telejornalismo; Narrativa; TV Pública; Pluralidade; Cidadania.

Entendido como instrumento privilegiado de desvelamento do mundo para quem Dominique Wolton (1996) referiu-se como "o grande público", o telejornalismo é dotado de uma promessa adicional nas redes de televisão de exploração não comercial, discriminadas na Constituição Federal Brasileira como estatais ou públicas. Na Europa compreende-se também de maneira particular as obrigações das emissores de serviço público de televisão, especialmente na produção e veiculação de conteúdos audiovisuais de caráter jornalísticos e culturais, atividades que são acompanhadas de perto por entidades reguladoras autônomas.

Para que possam cumprir as responsabilidades do serviço público essas emissoras de televisão seriam caracterizadas pela autonomia, tanto no que refere-se ao aspecto de liberdade editorial, quanto à questão econômica, por meio de financiamento sem a dependência do mercado anunciante. A EBC (Empresa Brasil de Comunicação), em cuja estrutura insere-se a TV Brasil, tem seus recursos oriundos de taxa cobrada das empresas de telefonia⁴ e da prestação de serviços para o governo federal e demais órgãos/empresas

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista, pós-doutora em Comunicação (Universidade Nova de Lisboa), é docente do PPGCOM e do curso de Jornalismo da FCOM-UFJF. Bolsista PQ2, integra a Rede de Pesquisadores de Telejornalismo, e desenvolve pesquisas sobre o Telejornalismo em emissoras Públicas, com financiamento de Fapemig e CNPq. iluska@gmail.com

³ Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Integrante do Grupo de Pesquisa "Laboratório de Jornalismo e Narrativas Audiovisuais", atualmente é bolsista de apoio técnico FAPEMIG "O telejornalismo nas emissoras públicas.

⁴ Estabelecida pela lei, a contribuição para o Fundo de Fiscalização das Telecomunicações (Fistel) é distribuída entre EBC (75%), Anatel (2,5%) e órgãos da união vinculados ao Sistema Brasileiro de Televisão Digital Terrestre – SBTVD (até 22,5%). Desde 2010 as empresas de telefonia contudo tem depositado em juízo os valores relativos à contribuição, que ficam retidos. Apenas em junho de 2014 parte desses valores, relativos ao pagamento da TIM, foi liberado para a EBC, superando os repasses diretos do Tesouro no peso do orçamento da empresa.

públicas. Já a RTP (Rádio e Televisão de Portugal) é financiada por meio de taxa do audiovisual, paga pelos cidadãos portugueses junto a suas contas de energia elétrica, e ainda pela captação de recursos adicionais com publicidade⁵.

Assim, tomando como pressuposto a potencialidade e responsabilidades dessas duas emissoras de ofertarem aos telespectadores um conteúdo jornalístico também distinto, uma vez que independente das exigências do mercado anunciante e de governantes, a proposta do artigo é analisar de que forma matérias internacionais veiculadas em seus telejornais noturnos permitiriam o encontro com o outro, o distante. De forma mais específica tomamos como objeto de reflexão a cobertura da reabertura dos bancos gregos, em 20 de julho de 2015, procurando perceber em que medida tal conteúdo audiovisual é capaz de constituir-se em uma informação mais plural, diversa, com estímulo ao posicionamento crítico e participação do cidadão.

Embora permita em tese um maior distanciamento dos poderes locais, e das disputas por ele também no território audiovisual, de caráter público, a cobertura internacional é marcada historicamente por outros condicionantes e limitações. Entre eles destaca-se o papel de seleção, e enquadramento, operado pelas agências internacionais de notícias. Se por um lado a difusão de registros visuais por estas permite o acesso a cenários distantes, por outro as imagens produzidas a partir das agências mostram o mundo por uma janela, de molduras já definidas, ao invés de funcionarem como uma abertura para este, como promete a televisão.

Outro aspecto a ressaltar seria uma tendência do telejornalismo brasileiro de ter uma cobertura majoritária caracterizada como doméstica em estudo internacional, coordenado no Brasil por Jacques Wainberg. O levantamento envolveu a análise de 834 notícias veiculadas por Jornal Nacional e Jornal da Cultura, das quais apenas 7% foram caracterizadas como internacional com envolvimento de algum ator nacional e outras 25% como puramente internacionais: "As 252 matérias internacionais da televisão brasileira desta amostra cobriram eventos em 45 países, um total que fica abaixo da média mundial de 50 países" (WAINBERG, 2012, p.2).

Além disso o estudo, realizado em 17 países, revela uma tendência de concentração da pauta em poucos atores ou países, com posição de destaque assumida pelos Estados

⁵ O último contrato de concessão assinado entre a RTP e o governo português não mais prevê o pagamento das verbas indenizatórias, que foram substituídas pelo retorno da cobrança da taxa do audiovisual. O mesmo documento estabelece as regras e limites para captação e veiculação de anúncios nas emissoras do serviço público de rádio e televisão.

Unidos. Os dois telejornais brasileiros analisados seguem essa tendência à concentração na cobertura internacional; um índice de 32% das matérias internacionais analisadas tem como foco os EUA. A cobertura internacional no telejornalismo brasileiro abordou o continente europeu, no qual localiza-se a Grécia, em 33% das reportagens analisadas. O tempo médio de edição desses conteúdos audiovisuais variou entre 88 e 63 segundos, nas matérias internacionais com envolvimento de ator doméstico ou puramente internacionais, respectivamente (WAINBERG, 2012). Ainda de acordo com a pesquisa coordenada pelo autor no Brasil, que incluiu a realização de 500 entrevistas estruturadas em todo o território nacional, 73% dos respondentes tem interesse pelo noticiário internacional e 44% gostariam de ter acesso a mais notícias internacionais. Em que pesem as limitações quanto à disponibilidade de imagem, pelas conclusões do estudo esse interesse parece não ser compartilhado pelos editores dos telejornais analisados:

O cenário internacional é visto como um espetáculo no qual os estados são descritos/vistos como jogadores. A percepção das vantagens e desvantagens que um tem sobre o outro; seus ganhos e perdas; seus fracassos e vitórias; suas alianças e traições igualmente fazem parte desta imagem popularizada pelo senso comum sobre o jogo como metáfora da vida (WAINBERG, 2012, p.16).

A proposta desse artigo é analisar em que medida a cobertura da reabertura dos bancos na Grécia, no dia 20 de julho de 2015, por duas emissoras públicas de televisão de língua portuguesa seria capaz de ultrapassar esses modelos narrativos. Afinal, além dos aspectos relativos ao aprofundamento dos relatos e de uma demanda por pluralidade, a questão da diversidade quanto a formatos, e a busca por maneiras inovadoras de informar o cidadão constituem-se em promessas do telejornalismo público.

A materialidade audiovisual será interpretada a partir de parâmetros de avaliação do cumprimento dos compromissos das emissoras públicas com os direitos à informação e comunicação, associados à aspectos da dramaturgia do telejornalismo (COUTINHO, 2012). As reportagens em análise foram veiculadas no Telejornal e no Repórter Brasil Noite, noticiários noturnos da RTP1 e TV Brasil, respectivamente. Em última instância essas categorias relacionam-se ao debate sobre a qualidade no jornalismo televisivo, que tem origens históricas: "A qualidade no telejornalismo é objeto de estudo há décadas. Uma das primeiras manifestações de preocupação com esse aspecto, pode ser vista nas propostas de Vladimir Herzog para o departamento de jornalismo da TV Cultura na década de 70" (OLIVEIRA FILHO, José Tarcísio e COUTINHO, Iluska, 2014, p.4).

Das promessas à prática de avaliação: Perspectivas de análise do telejornalismo público

A análise do telejornalismo, e em particular de sua qualidade mobiliza diferentes autores brasileiros, como Becker (2005), Gomes (2006), Bucci (2012), Coutinho (2013), entre outros. Esses estudos constituem-se em referência fundamental para o campo da comunicação, mas a questão metodológica ainda permanece como um desafio para os estudiosos da área, especialmente quanto à análise da materialidade audiovisual⁶. Nesse sentido, pretende-se nessa seção descrever os procedimentos utilizados nessa avaliação, que permitiram passar das promessas do telejornalismo público às práticas de avaliação da cobertura do episódio da economia política grega na RTP1 e na TV Brasil.

A construção de quatro eixos de observação estrutura a análise empreendida: Pluralidade, Diversidade, Cidadania/ Autonomia, Narrativa Audiovisual. Embora eles não sejam mutuamente excludentes, como requerido em métodos como a AC, o estabelecimento desses eixos permite articular na observação de conteúdos telejornalísticos as diferentes instâncias implicadas na realização audiovisual, em sua relação com as promessas diferenciais do telejornalismo nas emissoras públicas.

(...) ao invés dos parâmetros convencionados como normativos no telejornalismo brasileiro no que se refere, por exemplo, ao tamanho das reportagens veiculadas e/ou seu modelo de organização editorial, um dos objetivos do Telejornalismo Público deve ser a veiculação de informações aprofundadas sobre a sociedade, assim como sobre os sistemas político e fiscal que as organiza. (...) os programas jornalísticos em uma emissora pública deveriam estimular e propiciar instrumentos para a efetiva participação do espectador, em lugar do que é definido como uma interação reativa, apenas, esta mais simulação que efetiva relação de identidade entre TV e sociedade. (COUTINHO, 2013, pp.29-31)

Assim, o estabelecimento das categorias de avaliação, orientou-se sobretudo pela perspectiva de diferenciação do telejornalismo nas emissoras públicas. A materialidade audiovisual, em todas as suas nuances e tempos, caracteriza a estratégia da investigação. Além disso, para analisar o telejornalismo, aqui em duas emissoras públicas de língua portuguesa, tomou-se a materialidade audiovisual também como a unidade de análise, considerando que os conteúdos produzidos e veiculados possuem simultaneamente texto+som+imagem+edição.

⁶ Merece destaca a experiência de avaliação do jornalismo audiovisual realizada pela ERC, Entidade Reguladora da Comunicação Social, em Portugal, responsável pela elaboração anual de relatórios de pluralidade política e do cumprimento das obrigações do serviço público. Seu departamento de análise de mídia envolve profissionais do campo do Jornalismo, da Sociologia, do Direito e da Estatística, e conta com acesso aos conteúdos audiovisuais por meio de empresa de prestação de serviços que disponibiliza um ano de registro dos telejornais, acompanhados de identificação de tempo de cada peça (ou matéria), formato, horário de veiculação e audiência no momento da exibição, entre outros aspectos.

Dessa maneira, depois da temática e do tempo total na identificação da materialidade audiovisual a ser investigada, passamos às questões que constituem o eixo denominado Pluralidade. Ao observar as matérias veiculadas a proposta foi responder, por exemplo, quais setores sociais estão representados naquela narrativa? Essa avaliação envolve não apenas a identificação de determinado ator social, mas também a forma como ele aparece naquela materialidade audiovisual, se tem direito à voz ou é apenas enunciado em textos e imagens que constituem aquela edição. Outras questões são: as abordagens ou enquadramentos temáticos utilizados; a presença de partidos políticos e do governo, também nesse caso considerando a forma assumida na edição telejornalística e a definição da representação partidária; a presença de sotaques (elemento especialmente importante em um país como o Brasil); os registros realizados fora dos centros hegemônicos na cobertura telejornalística, entre os quais Rio, São Paulo e Brasília; e a perspectiva de mundo enunciada em cada narrativa, o que poderia ser associado à lição moral que é ofertada na dramaturgia do telejornalismo (COUTINHO, 2012).

A análise do eixo Diversidade está associada sobretudo à questão do direito à comunicação, sobretudo em emissoras públicas. Assim, um dos aspectos diz respeito à identificação das fontes que constituem a narrativa, observando ainda seu registro naquela materialidade audiovisual quanto ao uso de creditação, edição da pergunta do repórter, autoridade atribuída na enunciação da matéria. Essas fontes são associadas a uma tipologia anteriormente apresentada na avaliação de conteúdos telejornalísticos, entre as quais destacam-se: governo, legislativo, iniciativa privada, sociedade civil organizada, judiciário, especialistas, polícia, autoridades políticas, celebridades, esportistas, populares. Quanto ao último grupo, ele merece especial atenção na observação desse eixo. Isso porque, se em geral a voz popular é associada a uma confirmação, apenas a legitimar narrativas de repórteres e especialistas, no telejornalismo público a perspectiva é de diferenciação, de exercício do direito à comunicação, também audiovisual, percebido nesse caso por um protagonismo na narrativa informativa. Dessa forma destacam-se dois elementos de observação: participação popular X inclusão na trama jornalística, buscando evidenciar como o cidadão aparece naquela materialidade audiovisual, o papel desempenhado pela inserção de sua voz no relato de mundo representado pela edição daquele conteúdo no telejornal.

Por sua vez, o eixo Cidadania/ Autonomia, está relacionado a outro aspecto diferencial do telejornalismo público, sobretudo no que refere-se à capacidade de desvelar a

realidade, e possibilitar o acesso não apenas à informação factual mas também a um saber fazer, um estar e atuar no mundo. Assim, observa-se se naquela materialidade audiovisual há explicitação dos contextos relacionados ao tema tratado; se este é associado a desdobramentos possíveis também na vida daquele cidadão-espectador; se a narrativa insere ou tem presença e estímulos à ação do espectador e como essa convocação eventualmente é feita. Também nesse aspecto a inclusão do cidadão na trama é analisada, nesse eixo buscando perceber se ele atua como agente da narrativa, se age/ transforma a realidade ou fato narrado, também de forma a apresentar-se na edição telejornalística como eventual modelo a ser seguido pelo espectador. Finalmente, outra questão associada ao par cidadania/ autonomia é analisar se a matéria possui um viés formativo, perspectiva ou tom educativo, marca de muitas emissoras públicas no Brasil, mas sobretudo do imaginário popular em relação a elas.

O último eixo busca compreender as marcas audiovisuais, a estrutura narrativa utilizada, tendo como referência aspectos da linguagem audiovisual e da dramaturgia do telejornalismo. Assim, além da percepção quanto aos recursos/ formatos audiovisuais utilizados para narrar o tema (offs, sonoras, passagens, artes, sobe som, entrevistas), também há a compreensão quanto aos personagens desempenhados por repórteres e fontes naquela materialidade audiovisual (vilão, mocinho, vítima, arauto, expert). A própria inserção daquele conteúdo na paginação do telejornal, assim como os cenários mobilizados na cobertura, incluindo a eventual utilização de entrevistas em estúdios, são aspectos analisados nesse eixo.

Delineados os eixos e seus elementos constitutivos é importante destacar a sistemática de avaliação, que envolve a realização de pelo menos duas leituras de cada materialidade audiovisual, após sua seleção como unidade a analisar. No caso dos dois telejornais o acesso aos conteúdos foi realizado por meio de consulta ao acervo das emissoras disponível em suas páginas da internet. Contudo vale ressaltar que, se no caso da RTP1 é possível acompanhar ao telejornal na íntegra, embora sem o recurso de gravação do arquivo digital, no caso da TV Brasil os conteúdos são oferecidos na forma de vídeos individualizados. Nesse caso, apesar de incluir a enunciação do(a) apresentador (a), não é possível realizar inferências quanto à inserção daquela matéria no telejornal como um todo, seu peso naquela edição do programa.

A primeira leitura realizada, de viés mais panorâmico, busca identificar inicialmente os sentidos evocados pela narrativa, e perceber seus pontos nucleares, aqueles que por

motivos relacionados ao conteúdo e/ou à sua inserção naquela trama, constituem-se como focos preferenciais para a atenção do espectador. Em um segundo momento são realizados os apontamentos, tendo em vista os aspectos valorativos de cada um dos eixos anteriormente descritos. Isso pode ocorrer com repetições diversas da veiculação daquela materialidade audiovisual, ou de um trecho dela, e ainda uma eventual discussão daquele produto, com outros pesquisadores, em caso de existência de dúvida na análise⁷.

A Grécia já pagou: o alívio como tom na cobertura da RTP1

O tema da reabertura dos bancos gregos aparece logo nas manchetes de abertura da edição do Telejornal de 20 de julho de 2015. A escalada do noticiário no caso português é realizada por meio de inserções de imagens na tela às quais se associam frases síntese evidenciadas na tela por meio de arte, e a locução em off do(a) apresentador(a). A matéria objeto de análise nesse texto é a quarta temática apresentada no roteiro de temas mais relevantes daquela edição, papel podemos atribuir à escalada dos noticiários televisivos. A locução informa que a Grécia recebeu mais de 7 bilhões de euros⁸ e que teria usado os recursos para pagar ao FMI e ao BCE, enquanto as imagens mostram filas de gregos entrando nos bancos; a arte no canto inferior da tela complementa: a Grécia já pagou. Ainda em off a apresentadora daquela edição do Telejornal acrescenta que houve aumento de impostos no mesmo dia em que os gregos puderam retornar aos bancos, que permaneceram fechados por três semanas.

Antes de passarmos a análise das três matérias (VTs ou vídeos) sobre o tema veiculadas naquela edição do Telejornal, que constituem-se na materialidade audiovisual investigada, é preciso descrever de forma sucinta a estrutura de blocos do programa. O noticiário noturno da RTP1 tem dois blocos, divididos por um bloco comercial mais extenso, como o programa, que tem em média 1 hora e 30 minutos de duração e é veiculado a partir das 20h. O primeiro bloco do telejornal tem em média uma hora, e concentra os conteúdos que poderíamos considerar como de *hardnews*, relacionados ao campo da política e economia, nacional e internacional. Felisbela Lopes, na obra "O Telejornal e o

⁷ Essas análises são realizadas no âmbito do Laboratório de Jornalismo e Narrativas Audiovisuais (CNPq-UFJF), que reúne além da autora, que atua como sua coordenadora, bolsistas de ensino médio (PROBIC-Jr Fapemig); iniciação científica, extensão; mestrandos; mestre e doutorandos.

⁸ Na verdade segundo a locução o valor seria de 7 mil milhões, valor convertido no texto à forma como a cifra é (re)conhecida no Brasil em um sinal de que se há acordos quanto a ortografia, na notação matemática há distinções entre os dois países.

Serviço Público" (1999), avalia que na história do programa a política os assuntos do Estado, e mais particularmente do governo, presidiam à ordem de prioridades. A pesquisa realizada entre os anos de 1988 e 1992, quando a RTP ainda detinha o monopólio do cenário televisivo português, identificou também uma centralização do noticiário em Lisboa e o decréscimo naquele período de gêneros mais voltados ao aprofundamento, como entrevistas em estúdio e comentários.

O tema Grécia começa a ser tratado na edição do Telejornal tomada como recorte nesse artigo aos 15 minutos de exibição do programa, como a terceira temática apresentada. Nas duas primeiras matérias veiculadas o foco é a política internacional, embora no caso da matéria de abertura, que aborda a investigação sobre tráfico de influência de Lula em favor de empreiteiras, exista vinculação e fontes portuguesas ouvidas.

A apresentadora inicia a narrativa audiovisual retomando a informação da escalada de que a Grécia já havia recebido mais de 7 mil milhões de euros, enquanto um texto na barra inferior da tela parecia trazer aos portugueses uma sensação de tranquilidade e/ou justiça: "Grécia regularizou pagamentos". A matéria é estruturada em termos de narrativa audiovisual pela intercalação de sonoras e offs, estes cobertos seja com imagens de caixas eletrônicos nos bancos gregos, de pessoas nas ruas da Grécia ou ainda por imagens de arte, em uma espécie de infografia que busca recriar o caminho dos recursos recebidos, e repassados para o pagamento de dívidas da Grécia. A narração do repórter inicialmente destaca que os recursos não chegaram a "assentar", e que teriam sido em sua maioria utilizados para pagar FMI, Banco Central Europeu (BCE) e dívidas domésticas. E se com os pagamentos a Grécia não estava mais em "incumprimento", haveria um desafio para manter as contas em dia, quer pela remodelação do executivo, com a saída de dissidentes do Syriza (partido grego) do governo, mas também por um histórico de fracassos ou recuos aos ajustes determinados pela Comunidade Européia.

Participam da primeira reportagem veiculada três fontes que tem direito à voz na edição final, duas autoridades do governo grego e a chancelar da Alemanha, Angela Merkel. O ministro do trabalho da Grécia, George Katrougalos, e o vice-ministro das Finanças, Tryfan Alexiadi, reforçam em depoimentos tomados em um pronunciamento no parlamento grego o que seria a alternativa do governo grego entre as opções, limitadas, para manter as contas em dia, e impedir a sonegação. Tanto no caso dessas sonoras, quanto na da Merkel, os depoimentos são inseridos na língua do entrevistado, com tradução apresentada como legenda veiculada no momento de exibição da matéria.

Vale ressaltar o tom de esperança desconfiada que marca a narrativa sobre a regularização da situação financeira da Grécia, reforçada na fala da chancelar da Alemanha, que tem seu depoimento retirado de uma entrevista em um estúdio (neste aparecem dois jornalistas não identificados na matéria). Angela Merkel salienta a tentativa de ajudar o país em um terceiro resgate, mas que esse seria um processo difícil, já que apesar de a Grécia concordar desde 2010 que é necessário cortar gastos, nem sempre cumpre o planejado, como teriam feito Irlanda e Portugal. Assim, ao falar do desafio enfrentado pelo governo grego, o Telejornal também narra a própria história de superação vivida pelos portugueses, que teriam sua confiança reforçada, também por meio da fala da chancelar alemã, apresentada no relato tecido pela RTP1 como expert e autoridade.

A segunda reportagem veiculada, narra o dia de reabertura dos bancos mas também de permanência do controle de capitais, como enuncia a apresentadora. Como na primeira matéria veiculada sobre o tema no Telejornal, não há inserção de passagem do repórter nessa narrativa audiovisual, mas um encadeamento de offs com sonoras, agora de cidadãos gregos, nas ruas, no comércio, em automóveis. Se a reabertura dos bancos após três semanas, narrada pelas imagens dos gregos em caixas e entrando nas agências bancárias, é comemorada como o retorno à normalidade pelo primeiro cidadão entrevistado, o texto da repórter e dos entrevistados seguintes, sempre intercalando offs e sonoras, lembram os limites de valores a serem sacados e em seguida da permanência da restrição ao uso dos cartões de créditos e de remessas de recursos para o exterior.

Há um outro ponto de virada na narrativa, também com a mudança do texto na barra da tela, agora colocando em destaque o aumento do IVA (Imposto de Valor Agregado, cuja taxa passou de 13 para 23%). Depois da informação da elevação do imposto, apresentada por meio de imagens do comércio na Grécia, há uma inserção do que poderíamos caracterizar como um povo fala mais convencional, com três sonoras seguidas, de tamanho reduzido. O encerramento da matéria evidencia novos impactos do ajuste, como o aumento dos preços de restaurantes e transportes, e tem a inserção da sonora de um taxista grego, que reclama de ter que assumir essa conta, esse pagamento. A locução do off final acrescenta que ainda há cortes de pensões à vista, informação associada a imagens de fontes de água gregas que parecem sinalizar que há a Grécia ainda precisa de um longo caminho a percorrer.

O último conteúdo audiovisual que aborda a questão grega é realizado a partir de Portugal, e centrado nos depoimentos do primeiro ministro de Portugal, Pedro Passos

Coelho. O pronunciamento dele, realizado em um almoço debate com empresários portugueses, é intercalado com pequenos offs que sintetizam a edição dos trechos da fala da autoridade, que assume na narrativa o lugar de expert. Esse papel é reforçado tanto nos trechos editados, quanto na locução do repórter e na inserção da imagem-texto na barra inferior da tela: Passos Coelho aconselha Tsípras. O tom geral é de reforço da confiança como requisito para cumprir o acordo com a Comunidade Européia, como fez Portugal. O texto do repórter salienta que o primeiro ministro fala por experiência própria, enquanto Passos Coelho reforça a importância do empenho do governo. Nesse sentido, naquela materialidade audiovisual o primeiro ministro também assume um papel de herói, que teria contribuído para o sucesso e superação vivenciados pelos portugueses, destacando por fim a solidariedade com os gregos. De acordo com a avaliação dele, ao cumprirem o que estabelece o acordo, os gregos não estariam sendo humilhados ou de joelhos, o que contribui para o reforço da imagem dos portugueses, que estariam assim libertos desse tipo de associação, nos cortes e ajustes que experimentaram no passado recente.

Caminhos cruzados? O distante próximo na tela da TV Brasil

No Repórter Brasil a questão grega é apresentada em uma reportagem da correspondente da emissora Aline Moraes. No texto dos dois apresentadores, que intercalam-se na enunciação do telejornal, a reabertura dos bancos gregos é associada à duas medidas de arrocho já em vigor, aprovadas pelo parlamento grego: o pagamento a credores internacionais e o aumento de impostos.

A narrativa da repórter também evidencia no off inicial as filas, associadas a imagens de gregos nos caixas eletrônicos e entradas de agências, mas salienta a flexibilização, em lugar dos limites evidenciados na narrativa da RTP1: "é possível sacar quanto e como quiser, dentro do limite de 420 euros por semana". O clima de resignação caracteriza os cidadãos na Grécia na narrativa, que incorpora a sonora de um aposentado. Sua fala é transformada na edição daquela materialidade audiovisual em som de fundo, tendo em primeiro plano a locução-tradução da repórter. A sonora destaca a disposição do povo grego de cumprir o estabelecido pelo acordo, embora sem a expectativa de um resultado mais imediato das medidas de controle.

Mas se haveria concordância quanto aos limites de saque e movimentações financeiras, o aumento de impostos teria gerado revolta, ainda de acordo com o texto da

repórter, encadeado por imagens de gregos nas ruas, portas de agências bancárias e da frente de loja que evidenciava uma logomarca de empresa de lanches multinacional. A narração em off também salienta a elevação nos preços de produtos, como a carne, e de serviços, como os transportes públicos, táxis; estes mesmos dois itens também foram evidenciados na narrativa da RTP1. A outra convergência refere-se ao entrevistado, também um taxista, aliás o mesmo entrevistado que participa de uma das matérias veiculada pelo Telejornal, embora no caso do Repórter Brasil sua fala tenha sido traduzida, na locução da jornalista brasileira.

Há contudo uma marca audiovisual de distinção entre as duas emissoras, a presença de uma passagem da repórter responsável pela matéria, ainda que no caso do noticiário da TV Brasil o texto de Aline Moraes tenha sido gravado em uma via de Frankfurt, Alemanha⁹. A repórter anuncia a remessa dos mais de 7 bilhões de euros para a Grécia, depois da aprovação das medidas de austeridade pelo parlamento do país, e acrescenta que a maior parte do dinheiro já teria sido gasto para o pagamento de dívidas gregas com os credores internacionais.

Em meio a imagens de jornais gregos, em uma espécie de varal, e a outra de uma bandeira grega, que em contraluz se dobra, em lugar de balançar livremente, a narrativa da correspondente internacional da TV Brasil enuncia o temor inconfesso nas matérias da RTP1, de que a Grécia fosse forçada a deixar a zona do euro caso não acertasse a dívida. Esse temor de que os gregos optassem pela recusa do modelo de austeridade, apresentado como única alternativa possível pela Comunidade Européia, já havia sido percebido no enfoque adotado pela emissora portuguesa na cobertura das eleições gregas, que inclusive rendeu comentários negativos dos cidadãos-telespectadores portugueses quanto à ausência de isenção dos relatos então apresentados (COUTINHO, 2015).

No caso da reportagem única veiculada na edição de 20 de julho do Repórter Brasil sobre a reabertura dos bancos gregos, os trechos finais da locução em off abordam a expectativa do governo grego de que a situação se normalize. Enquanto isso na tela são exibidas imagens das fontes de água gregas, as mesmas presentes na narrativa da TV pública portuguesa. Nesse caso os registros simbolizam o porvir, como na matéria da RTP,

⁹ É comum nas reportagens de correspondentes das emissoras brasileiras na Europa a gravação em locais nos quais fica a sede da emissora, ou mesmo onde reside o correspondente. Assim, as ruas de Londres foram durante muitos anos a marca da presença dos repórteres brasileiros no continente europeu, nas matérias da TV Globo. Nesse aspecto em particular, chama a atenção o tensionamento Alemanha - Grécia, assim como a eventual reafirmação, também imagética, do país chefiado por Angela Merkel como novo centro dinâmico mundial.

mas na narrativa da emissora brasileira podem ser associados também à desconfiança da população. Esta é sintetizada no depoimento de um taxista, traduzido na locução da repórter, que encerra a reportagem apresentando diversas perguntas, e um tom crítico. "Os bancos vão permanecer pra sempre, mas a questão é: o que vai acontecer com a gente, com você, com os nossos filhos?"(REPÓRTER BRASIL, 21/07/2015).

Considerações finais

Embora tenham compartilhado a mesma sonora, e ainda imagens, em ambos os casos sem que a utilização de conteúdos de agências internacionais fosse evidenciado nos créditos das matérias analisadas, o tratamento das emissoras públicas portuguesa e brasileira sobre a questão da Grécia apresenta distinções importantes. O próprio espaço ocupado pela temática nos dois telejornais é um indicativo do peso editorial implicado naquela cobertura; enquanto na RTP1 a abordagem da reabertura dos bancos gregos está presente nas manchetes do Telejornal, ocupando um total de seis minutos e cinquenta segundos (2'50") da edição, em três matérias completas, na TV Brasil a questão fica circunscrita a um único conteúdo audiovisual, com duração de dois minutos e vinte e seis segundos (2'26").

Em relação aos eixos de avaliação que orientaram a análise, também há diferenças. No que refere-se à pluralidade, percebe-se uma maior variedade de setores sociais representados de forma direta na cobertura da televisão portuguesa. Nas três matérias veiculadas são ouvidos, além de cidadãos gregos (populares), autoridades do campo político da Grécia, da Alemanha e de Portugal, embora sem o recomendável contraditório. Isso porque em todas as narrativas de autoridades há a afirmação da austeridade como receita a ser seguida para o sucesso da economia grega, sem que aqueles que discordam das medidas, como os dissidentes do Syriza mencionados em uma das matérias, tenham direito à voz. Nesse caso, apenas os partidos que ocupam o poder participam da narrativa. Os cidadãos são outro setor social representado por meio da fala de gregos entrevistados nas ruas, com destaque para dois comerciantes, um vendedor de carnes e um taxista. A reportagem veiculada na TV Brasil não apresenta o discurso direto das autoridades, embora seu posicionamento seja evidenciado na narrativa da repórter, em off ou na própria passagem, realizada a partir de Frankfurt, cidade símbolo do modelo de austeridade na Comunidade Européia.

Por outro lado, ainda no que diz respeito ao eixo pluralidade, apesar de recorrer a menos fontes, apresentando uma narrativa mais sintética também em termos temporais, a matéria da TV Brasil possui maior amplitude quanto às perspectivas de mundo enunciadas. Nas reportagens da RTP1 não há questionamento da necessidade de ajustes ou de pagamento das dívidas, salientando-se a necessidade dos gregos sacrificarem-se e confiarem no sucesso do ajuste, e no que é enunciado por Angela Merkel e Passos Coelho como uma renovação da solidariedade dos países europeus para com a Grécia. Já na matéria da TV Brasil, por meio do depoimento de um taxista, e de sua tradução pela repórter, percebe-se o questionamento pela opção econômica adotada, associada ao salvamento dos bancos, enquanto restariam dúvidas sobre os destinos dos cidadãos comuns.

A diversidade aparente, no que refere-se ao número de fontes que integram a narrativa é maior nas reportagens veiculadas no Telejornal, noticiário da RTP1. Contudo, as perspectivas de inclusão da voz do cidadão, com direito a protagonismo, são reduzidas tanto na cobertura da TV portuguesa quanto na matéria veiculada pelo Repórter Brasil. Ouvidos nas ruas os gregos que integram a segunda reportagem veiculada na noticiário português apenas confirmam as narrativas dos repórteres de RTP1; o mesmo ocorre na TV Brasil, com direito à repetição de uma das sonoras utilizadas, de um taxista. Nesse sentido, mais que serem portadoras de uma posição capaz de vocalizar as aspirações de um setor social, as falas dos cidadãos que integram as narrativas dos dois programas atuam muito mais como um recurso audiovisual, que reforça e legitima o discurso assumido pelas emissoras. Apesar disso, o encerramento da matéria veiculada pela emissora brasileira com uma sonora-pergunta é considerado uma estratégia interessante, diversa do convencional, que poderia potencializar um posicionamento do público sobre o tema, retirando-o eventualmente de sua zona de conforto de espectador, apenas.

Esse aspecto tem ligações com o terceiro eixo de análise, Cidadania/ Autonomia. Isso porque, se o viés das matérias é fortemente informativo, nos conteúdos veiculados na RTP1 há também uma perspectiva de convencimento, de reafirmação da opção pela austeridade das autoridades portuguesas, que passam a ser citadas como exemplo de sucesso, a ser seguido pela Grécia. Ao inserir no canto inferior da tela, em uma das matérias, a inscrição "Passos Coelho aconselha Tsípras", o Telejornal assume um discurso quase normativo, como a indicar o caminho a ser seguido pelos cidadãos, gregos e portugueses. Por sua vez, o encerramento da reportagem da TV Brasil com o questionamento de um

cidadão grego pode funcionar como uma forma de convite à reflexão sobre o tema, ou ainda ao envolvimento do espectador.

Nos duas emissoras porém os cidadãos não são os agentes das narrativas enunciadas, apenas reagem a elas, ou sofrem os efeitos descritos pelos repórteres. A matéria da TV Brasil chega a enunciar a revolta dos cidadãos com os aumentos. Mas apesar da reclamação do taxista, em uma mesma sonora que integra as edições das duas emissoras, as ações dos cidadãos que integram as matérias ficam restritas a enunciação de queixas.

Outra carência percebida nesse eixo diz respeito aos aspectos contextuais envolvidos, que são silenciados nas duas materialidades audiovisuais analisadas. Em que pese o maior tempo dedicado ao tema na RTP1, as três matérias veiculadas não relacionam a questão grega ao contexto europeu de forma mais concreta, nem explicitam a importância para os demais países da Comunidade Européia de que a situação grega seja efetivamente equacionada. A própria TV Brasil, em entrevista em estúdio com a economista Maria Lúcia Fatorelli, veiculada em 03 de julho, evidenciara o impacto da questão grega no salvamento de vários bancos do continente europeu. De acordo com a entrevistada, que realizou à convite uma auditoria da dívida grega, os grandes beneficiados com os ajustes e o repasse de recursos seriam exatamente os bancos internacionais. Essa abordagem ou a realização da auditoria não foram mencionadas nas reportagens analisadas.

Finalmente, no que refere-se à narrativa audiovisual, percebe-se que no Telejornal as autoridades ouvidas, todas vinculadas ao governo de um país europeu, assumem papéis diversos. Entre as escalões dramáticas da primeira matéria veiculada temos as de mocinhos e expert, papéis assumidos por ministro do trabalho e por vice-ministro das finanças da Grécia e pela chanceler alemã, Angela Merkel, respectivamente. Por sua vez o primeiro ministro português, cujo depoimento em almoço com empresários articula a narrativa da terceira reportagem veiculada no noticiário da RTP1, é escalado no papel de herói conselheiro, que conduziu os portugueses de forma firme, para a superação dos problemas financeiros e agora aconselha as autoridades gregas.

Em termos de estilo ou narrativa audiovisual as duas emissoras não apresentaram soluções diferenciadas, com a escalação de populares em papéis periféricos, em tomadas realizadas nas ruas, sem espaço para aprofundamento ou reflexão mais densa. Presentes nas duas reportagens, os cidadãos gregos sofrem de forma ora resignada ou questionadora as medidas de austeridade implantadas pelo governo e aprovadas pelo parlamento grego, assumindo o papel de vítimas da trama narrada.

Assim, se com os ajustes realizados, a Grécia estaria em dia com as exigências dos credores, o jornalismo internacional de RTP1 e TV Brasil, no que refere-se às duas materialidades audiovisuais analisadas, ainda tem débitos quanto ao cumprimento das promessas da informação, e da televisão pública.

Referências bibliográficas

BECKER, Beatriz. **Telejornalismo de qualidade**: um conceito em construção. Revista Galáxia, São Paulo, n.10, 2005.

BUCCI, Eugênio; FIORINI, Ana Maria; CHIARETTI, Marco. **Indicadores de Qualidade nas Emissoras Públicas** - Uma Avaliação Contemporânea. Série Debates CI (Unesco), v.10, 2012.

COUTINHO, Iluska. Telejornalismo, serviço e debate públicos: As dimensões da crítica e do enfrentamento na cobertura das eleições gregas pela RTP e pela TV Brasil. In **Anais do XIV Congresso Internacional**. São Paulo: IBERCOM, 2015. E-book.

COUTINHO, Iluska (org.). **A informação na TV Pública**. Florianópolis: Insular, 2013

COUTINHO, Iluska. **Dramaturgia do telejornalismo brasileiro**: A estrutura das notícias em rede e nas emissoras de TV de Juiz de Fora-MG. Rio de Janeiro: Mauad-X, 2012.

FATORELLI, Maria Lúcia. **Entrevista ao Repórter Brasil** 03/07/2015. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=YxR5qqzZS-g>. Acesso: 24/07/2015.

GOMES, Itania. _____. **Telejornalismo de Qualidade**: Pressupostos teórico-metodológicos para análise. E-Compós, Brasília, v.6, 2006.

LOPES, Felisbela. **O telejornal e o serviço público**. Coimbra: Minerva, 1999. 202p.

OLIVEIRA FILHO, José Tarcísio da Silva & COUTINHO, Iluska. Discutindo Conceitos e Propostas: Uma Análise da Qualidade no Telejornalismo Brasileiro. In **Anais do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Intercom: Foz do Iguaçu, 2014. Cdrom.

WAINBERG, Jacques. Tendências do telejornalismo brasileiro e mundial. In **Anais do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Intercom: Fortaleza, 2012. Cdrom.

WOLTON, Dominique. **O elogio do grande público**: uma teoria crítica da televisão. São Paulo: Ática, 1996.

RTP1. **Telejornal**, Edição 20/07/2017. Disponível em <http://www.rtp.pt/play/p1743/e202111/telejornal>. Acesso: 22/07/2017.

TV BRASIL. **Repórter Brasil**, Edição 20/07/2015. Disponível em <http://tvbrasil.ebc.com.br/reporterbrasil/bloco/bancos-da-grecia-reabrem-apos-tres-semanas-de-portas-fechadas>. Acesso: 22/07/2015.